

## DA CIDADE DE PALHA À CUSTODÓPOLIS: MEMÓRIA E SOCIABILIDADES

Verônica Gonçalves Azeredo  
[vgazeredo@gmail.com](mailto:vgazeredo@gmail.com)

### RESUMO

Memória e sociabilidade desenham a identidade dos lugares. Através de suas práticas sociais e culturais, as pessoas criam, fortalecem ou rompem vínculos, em busca de pertencimento. A maneira como representam e são representados em seus modos de vida, diz respeito à expressão de seu estilo de convivência social. Nesse sentido, podem compartilhar ou disputar realidades, serem saudosos de uma normatividade desfeita ou autores de formas re-configuradas de socialização. Os acontecimentos vividos pessoalmente ou “vividos por tabela” (POLLAK,1992), tomam forma no imaginário enquanto elementos constitutivos da memória, que por essa razão é coletiva. Neste ensaio, o objetivo é revelar a importância da memória coletiva e da sociabilidade, na configuração do lugar. Para tal, os contatos com o bairro e com as narrativas dos moradores (através de observação participante e entrevistas com antigos moradores), foram fundamentais para desenhar os percursos que produziu os movimentos de sua realidade. Trata-se de deslocamentos que deu origem à Cidade de Palha e que posteriormente, sob as Terras loteadas de Custódio, ao bairro-Custodópolis, situado no município de Campos dos Goytacazes/ RJ.

**Palavras-chaves:** Lugar, memória e sociabilidades.

### CITY OF STRAW Á CUSTODÓPOLIS: MEMORY AND SOCIABILITY

#### ABSTRACT

Memory and sociability draw the identity of places. Through its social and cultural practices, people create, strengthen or break ties in search of belonging. The way we represent and are represented in their lifestyles, concerns the expression of their style of social interaction. Accordingly, they may share or dispute situations, are nostalgic of a norm or undone authors re-configured forms of socialization. The events personally experienced or "experienced by table (POLLAK, 1992), take shape in the imagination as an element of memory, which is why it is collective. In this essay, the aim is to reveal the importance of collective memory and sociability, in the configuration of the place. To this end, contacts with the neighborhood and with the narratives of the residents (through participant observation and interviews with former residents), were instrumental in designing the courses that produced the movements of their reality. These are shifts that led to the City of Straw and subsequently under the Lands lotted Custódio, neighborhood-Custodópolis, located in the municipality of Goytacazes / RJ.

**Key words:** Place, memory and sociability

---

## HISTÓRIAS VIVIDAS E HISTÓRIAS CONTADAS

Em seu livro mais recente, intitulado Terra dos Homens: a geografia (2010), Paul Claval argumenta que a geografia serve para os homens se orientarem através das experiências dos espaços e dos lugares. Para o referido autor, há que se observar que o avanço da Geografia Cultural muito deve aos suportes teóricos e metodológicos de diversas disciplinas. Com base em suas reflexões, faltava à geografia “a observação participante do antropólogo, a obsessão descritiva do etnólogo, a atenção as dimensões inconscientes do psicólogo, a reconstituição factual do historiador...” (1999, p.17). A adoção de um comportamento interdisciplinar, capaz de extrair o melhor do diálogo entre as Ciências Humanas, tornou possível a instituição da

---

Recebido em 12/06/2010

Aprovado para publicação em 06/12/2010

Geografia Cultural como um campo investigativo próprio, cuja gênese é a Geografia Humana.

Não é recente o interesse dos geógrafos pelos problemas culturais. Há registros desde o final do século dezenove (Bonnemaison, 2001). Mas é nos anos 70 do século XX que a Geografia Cultural deixa de ser tratada como um subdomínio da geografia humana, galgando o mesmo patamar da Geografia Econômica ou da Geografia Política, e cujo objetivo é entender a experiência dos homens no meio ambiente e social, valorizando o enfoque material e simbólico no campo da pesquisa geográfica (CLAVALL, 2002, p.20).

Tanto lugar como território são categorias caras a Geografia cultural. Embora distintas, são complementares. Para Holzer (1997) é através da abordagem do lugar que se compreende o território. O interesse aqui é pensar o lugar sob o enfoque da experiência e “não só como um fato a ser explicado na ampla estrutura do espaço, mas como realidade concreta a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva que lhes dão significado” (TUAN, apud HOLZER, 1999, p.70)

Portanto, é o enfoque material-simbólico que se pretende adotar neste ensaio, cuja proposta é apresentar histórias vividas e contadas por habitantes de Custodópolis que a partir de suas reconstruções narrativas, deixaram emergir modos de sociabilidades que pouco a pouco delinearam a trajetória de vida das pessoas e do lugar. No intuito de estabelecer uma aproximação com o lugar, buscou-se seguir o seguinte percurso metodológico: Observação direta (reconhecimento da área geográfica, percorrendo-se as ruas do bairro e registrando-se através de fotos e abordagens, algumas características deste cenário), realizado levantamento de documentos sobre a história do bairro (reportagens publicadas, atas de reuniões, panfletos, fotos), visitas técnicas (estabelecimentos comerciais, igrejas, Grêmio esportivo, Escola de Samba, Associação de moradores, sedes de programas sociais), entrevistas livres (com moradores mais antigos, representantes de instituições), conversa informal (com moradores e donos de comércios).

Essa investigação foi realizada por pesquisadores do GRIPES<sup>2</sup>, na ocasião da construção do Diagnóstico Sócio-ambiental da Comunidade<sup>3</sup>. Do contato com as pessoas e o lugar, foi possível extrair matéria-prima para elaboração deste ensaio. As falas são identificadas no texto por letras em itálico e aspas e reflete o relato de entrevistas, conversas informais, registros/depoimentos em fontes documentais sobre a história do lugar.

O primeiro momento do texto segue propositalmente uma perspectiva meramente descritiva, com o objetivo de permitir ao leitor acompanhar a trajetória do lugar a partir dos agenciamentos práticos da vida cotidiana, sem interferências dos aportes teóricos adotados no segundo momento deste ensaio.

Sob as narrativas e o regate da memória coletiva do bairro, o que se buscou, foi analisar o modo como as sociabilidades foram sendo tecidas, numa conexão direta de influência das pessoas sobre o lugar e do lugar sobre as pessoas. Verificou-se que através da reinterpretação de um passado de características rurais, o presente se configura, e imprime novos valores e modos de viver e conviver aos moradores do lugar.

Entre Histórias vividas e Histórias contadas, o lugar se configura e revela sua identidade tornando possível encontrar o fio que liga apropriação do lugar aos significados a ele atribuído. A Geografia Cultural oferece ricas possibilidades para apreender essas vidas que teceram histórias. E foi assim que tudo começou...

## **CIDADE DA PALHA**

Num lugar, cercado por mato, brejo e lagoa, cortadores de cana se reuniam a espera de caminhões que os levassem para as lavouras das usinas canavieiras da região de Campos dos Goytacazes no estado do Rio de Janeiro. Esse local, transformado em ponto de encontro desses trabalhadores, foi por eles, pouco a pouco apropriado.

Desbravadores, seu Policarpo e seu José, montaram uma vendinha para atender os trabalhadores que ali ficavam. Sempre freqüentada, era um convite para o convívio e contribuía

<sup>2</sup> GRIPES- Grupo Interdisciplinar de Estudo e Pesquisa em Cotidiano e Saúde/ UFF.

<sup>3</sup> Cf: GRIPES. CIDADE DE PALHA: Diagnóstico Preliminar. Campos dos Goytacazes, julho de 2008, mimeo, 68 págs.

para encurtar a demora da espera, com café e muita prosa. Esses artigos não faltavam no estabelecimento, tinha em quantidade para “dar e vender”. Com clientela garantida, mais tarde, seu Zezé montou um açougue.

O comércio surgia de mansinho e o lugar que antes servia apenas de ponto de encontro de trabalhadores, foi também se transformando em local de comércio e moradia.

Alguns trabalhadores que moravam em áreas afastadas ou aqueles que não tendo onde morar, se acomodaram no entorno daquele lugar. *“Pegavam um pedacinho de terra e ficavam”* e construíram suas casas em meio ao improvisado. Utilizavam *barro, bambu, folhas de palmeira ou sapé. “As casas tinham palha no lugar de telha”*. Vista do alto parecia uma **“Cidade de Palha”**. Nasce uma localidade que ninguém soube contar exatamente em que período surgiu, mas estima-se que por volta das décadas de 1920/1930.

## DA CIDADE DE PALHA ÀS TERRAS DE CUSTÓDIO

Havia nesta comunidade um senhor chamado Custódio Siqueira. Ele era médico, por isso o chamavam de Doutor. *“Era dono de tudo”. Proprietário de terras na comunidade resolveu transformá-las em lotes, vendidos “baratinho”, “com pagamento facilitado”*. Se alguém não tivesse no mês dinheiro para pagar, ele falava: *“depois você me dá”*. As áreas loteadas ficaram conhecidas como *“Terras de Custódio”*.

Na memória, Custódio tinha o registro de um *“homem muito bom e simples, que entrava na casa dos moradores, tomava cafezinho e atendia os pobres”*. A narrativa deu ênfase a um Homem de posses e prestígio, chamado de Dr. Custódio, que além de médico era metido em política. Nostalgia e saudade se misturam nas lembranças de sua morte: *“Ele morreu na Praça São Salvador em cima de um coreto, discursando para ser prefeito”<sup>4</sup>* e *“no enterro dele tinha muito pretinho. Eram todos, afilhados dele”*.

Pessoa de referência para a localidade, suas terras, ao serem loteadas, foram se tornando terras de tantos outros, como: Hipólito Sardinha, José Dias Nogueira, Sr. Nicodemos, Vicente, Zé Laurindo... Uma comunidade que se alargava naquele entorno e pouco a pouco foram construindo um modo de vida que se tornou orgulho para os antigos moradores.

Na lembrança dos mais velhos, o registro de que Hipólito Sardinha era dono de uma padaria e do Cine Teatro Primor, o primeiro de Guarus: *“Ele queria alegrar o povo [...], trazia artistas, show de música, colaborava com o teatro amador”*.

José Dias Nogueira, conhecido como Zezé Simão, foi um dos primeiros comerciantes do local. Seu espírito de liderança foi lembrado pelos moradores que o homenagearam como nome de rua. Homem de característica pública, *“plantou as primeiras árvores da praça, providenciou sua iluminação, organizou a comunidade na luta pela água encanada, mobilizou ajuda às famílias atingidas pela enchente de 1966”*. Em 1962 foi candidato a vereador, mas não conseguiu se eleger. E houve quem questionasse: *“Afim, como pode um homem de tamanco ser eleito?”* Responsável também pela fundação do Esporte Clube Come Gato, tornando-se o primeiro técnico do time, cuja origem do nome se justifica pelas comemorações, ao final das partidas, onde bebiam e comiam *“churrasco de gato”* por ele oferecido.

Senhor Nicodemos era a alegria dos domingos. Muitos se *“desdobravam durante a semana pra ganhar umas moedinhas pra alugar suas bicicletas”* e Vicente era responsável pela Quadrilha Caipira, Zé Laurindo pela Folia de Reis. Não faltava também fado, jongo e capoeira. Além disso, era comum a vizinhança se reunir nas noites de lua e as crianças brincarem na rua. Não tinha luz e nem medo, porque não tinha perigo. *“Cada um puxava sua luz da pracinha (...) depois vieram os postes de madeira”*.

Tinha circo, tourada e gente de longe para assistir. *“Nas touradas as pessoas colocavam cadeiras em volta, às vezes o touro escapulia e era aquela confusão”*. Na lembrança a saudade de um tempo onde as pessoas sempre encontravam um jeito para se divertir, seja *“nos bailes nas casas, nos matinês da pracinha e do cinema ou no concurso de Rainha do Grêmio”*.

<sup>4</sup> A morte de Custódio Siqueira tem registro na obra de Waldir P. de Carvalho, intitulada: Campos depois do Centenário.

Uma das comemorações mais esperada e anunciada com fogos, era a festa da padroeira do bairro, Nossa Senhora da Conceição, que durava uma semana. E reunia barraquinhas, jongo, corridas rústicas, cavalhada. Outra atração, lembrada, eram as corridas de cavalo que aconteciam na rua da raia, hoje batizada, como Poeta Marinho.

Na memória dos antigos moradores, apesar da pobreza, a saudade daquele pequeno lugar alegre e movimentado, um território onde se misturam as almas e as coisas (MARCEL MAUSS, 1974). Ao se consolidar como bairro, Custodópolis assume características próprias de um espaço urbano, o que contribui por alterar antigas formas sociabilidades e usos dos lugares.

### **CUSTODÓPOLIS: O BAIRRO**

Da Cidade de Palha, as Terras de Custódio deram origem ao bairro mais antigo de Guarus: Custodópolis. O nome não poderia ser outro, uma homenagem ao Dr. Custódio Siqueira, dono das terras loteadas.

Na versão de alguns moradores, o bairro tem hoje, em seu *“comércio forte”*, um motivo de orgulho e garantem que: *“A pessoa sai a qualquer hora e encontra o que quiser”*.

É no entorno da Praça José Dias Nogueira, numa mistura de atividades de comércios e serviços, que Custodópolis se desenha. Tem *“supermercado, farmácias, açougues, bares, sorveterias, Lan Hause, hortifrutí, depósito de bebidas, loja de fotos, roupas, brinquedos, artigos para o lar, material elétrico e ferragens, locadora de DVDs, posto de combustível, consultório odontológico, brechó de roupas usadas, sapateiro”* (GRIPES, 2008, p.37).

No entanto, o cartão postal da praça, é sem dúvida a igreja de Nossa Senhora da Conceição. Em termos religiosos, a Igreja Católica e a Igreja Batista são as referências religiosas mais antigas do lugar. Atualmente, o bairro também expressa sua vitalidade religiosa através do Grupo Espírita, Igreja da Renovação, Comunidade do Amor de Deus, Assembléia de Deus. Destas expressões religiosas, a Igreja Batista, é para os moradores, um exemplo, por sua prática de *“distribuição de alimentos, remédios, passagens e pequenas reformas nas casas dos mais carentes”* (ibidem, 2008, p.47).

A queixa dos católicos é da falta de iniciativa da igreja, quando se recordam, sobretudo dos festejos da padroeira, suas novenas e procissão. *“Hoje só tem procissão. Passa pelas ruas aquela filhinha curta, fraca”*. Para os antigos moradores, as mudanças ocorridas na comunidade, rompem com seus valores e tradições. Hoje o padre diz que *“não pode fazer festa profana”*. Além disso, *“atualmente não existe festa de rua por causa da violência. É muita bebedeira e muita droga”*.

A maior preocupação é com os filhos e netos. *“Tem criança de 10 anos vendendo droga e com arma na cintura”*. *“Hoje morre uma criança e amanhã já tem outro no lugar”*. *“Quando o meu filho era pequeno, as crianças dos vizinhos brincavam com ele lá em casa. Hoje ele está com 16 anos e não tem quase ninguém vivo daquela época”*. Para os mais antigos, a violência instalada tornou-se uma realidade difícil de conviver: *“Há 60 anos tinha um crime, chocava. Hoje, estão matando como matam mosquito. É muito crime e 90% é droga. Na minha rua tem um ponto. O pessoal desce tudo para comprar”*.

Na fala de um morador, a violência tornou-se também o motivo da baixa frequência nos eventos promovidos pela Escola de Samba União da Esperança (fundada em 1958) e referência no bairro. Além da violência, a diversidade dos modos de vida de seus atuais participantes, incomoda os antigos moradores e frequentadores. A sua versão é a de que atualmente *“as famílias não participam muito. Antes era só família. A diretoria saía pra pegar as moças em casa e depois ia levar. Agora está tudo bagunçado.”*

Apesar da existência de escolas e creches da rede estadual, municipal e particular, os dados do Diagnóstico Comunitário, apontam para a existência de analfabetismo e falta de cursos noturnos e supletivos, além de pouco envolvimento dos moradores e das instituições com a comunidade. Em tempos de aparente indiferença, o espírito comunitário se manifesta, incorporando à memória de um antigo morador (nome de praça), pai do dono do açougue, que instalou um serviço de alto-falante em seu estabelecimento e ali anuncia seus produtos, dá avisos de *“nascimentos, mortes, missas, comunica perdas de documentos. Para o povo é tudo de graça, mas para os políticos, têm preço”*. (GRIPES, 2008, p.46) O que não parece ter preço é o

futebol. De Time “Come Gato” tornou-se Grêmio em 1974. Legalizado, participa da Liga Campista de Desportos, promove regularmente jogos e tem uma escolinha de futebol que atende as crianças do local, além de funcionar também como entidade filantrópica, “por prestar ajuda material e ceder seu espaço para festas, reuniões, velórios, campanhas de vacinação” (ibidem, 2008, p.47). O Grêmio é sem dúvida, um dos principais locais de lazer e sociabilidade local.

Todo domingo tem pagode na quadra da União da Esperança, mas na narrativa de alguns moradores “o ambiente não é recomendado para os que gostam de respeito”. A praça, que na opinião dos mais antigos, era um bom local de “convivência e entretenimento”, tornou-se um lugar ocupado pela “molecada” e depois de recente reforma, os quiosques, a transformaram em ponto de encontro dos que vivem para beber, nem mesmos para as crianças o espaço é destinado. A noite ela é motivo de preocupação pela falta de segurança do bairro e ausência de policiamento, apesar da existência de uma delegacia de polícia civil, que na opinião dos moradores, não é sinal de proteção. Houve relato de que “mataram gente em frente à delegacia”. Prova de incivilidade são também “pegas de motos” que acontece aos sábados na avenida principal do bairro. Motivo de preocupação para muitos moradores, os bailes funk que acontecem no Club di Roma, atraem jovens de outras localidades, tornando a comunidade mais vulnerável, com a presença desses OUTROS.

A falta de segurança é apenas uma das marcas de vulnerabilidade do lugar. Ao percorrer suas ruas, os moradores seguem seus desenhos irregulares, convivem com um tráfego intenso de veículos e calçadas ocupadas, negando a prioridade aos pedestres. Driblam a água que “desce de uma rua e volta por outra”, a retratar a falta de saneamento básico, sentem o mau cheiro do lixo acumulado, encontram animais que transitam livremente, arriscam-se com a falta de iluminação de algumas áreas. O cenário desenhado é para eles, “uma vergonha” e se por um lado culpam o descaso do poder público, por outro, sabem que os próprios moradores também contribuem para o agravamento de tais condições.

Insegura e desprotegida é a vida desses moradores. São homens que enfrentam a realidade do desemprego ou de ocupações informais, de pouca remuneração, e mulheres, em sua maioria, que se dedicam a atividades domésticas, seja em suas casas ou na casa dos “outros”. O fato, e que a pobreza sempre existiu, tanto no passado quanto no presente, e é possível identificá-la, nas habitações precárias, no baixo nível de escolaridade, na falta de saneamento, na alimentação insuficiente. Além disso, a pobreza na comunidade vem alcançando outras dimensões como: o elevado índice de “gravidez na adolescência e a não responsabilização dos pais, a dependência química, a violência e abuso sexual”. (GRIPES, 2008, p.58)

Herdeiros de algumas dessas condições de vulnerabilidade, alguns moradores tornam-se alvo dos poucos programas sociais existentes no bairro. Contam com o Espaço do Trabalho II e o CRAS<sup>5</sup> que funcionam numa mesma sede e oferecem cursos de geração de renda como de manicure, cabeleireiro, culinária e artesanato. A relação entre o interesse e necessidades dos moradores e os cursos oferecidos não é necessariamente convergente, depende do perfil dos profissionais contratados e disponibilizados pela prefeitura local. Esses cursos destinam-se prioritariamente aos integrantes do Programa de Renda Mínima.

No campo da atuação comunitária, a Associação de Moradores, tem registro garantido na memória do bairro, no envolvimento em busca de melhorias. Alguns dos antigos moradores, motivados pelos seus espíritos de liderança, ao reivindicarem a água, acabaram por se articular com instituições e políticos do município, o que gerou e tornou possível a incorporação de outras demandas, como a implantação de um Centro Comunitário (CSU) em parceria com a Faculdade de Medicina de Campos, hoje identificado como CSEC (Centro de Saúde Escola de Custodópolis), uma unidade de Atenção Básica de Saúde em parceria com a prefeitura local, que registra seus principais atendimentos nas áreas de “problemas cardíacos, dermatológicos, hanseníase, verminose, hipertensão, diabetes, depressão, crianças com baixo peso”. (ibidem, 2008, p.58)

Com o movimento do tempo, o espaço foi se (re) configurando e o lugar, atingido pela periferização, ganhando novas representações. De uma comunidade de características rural, mas diferente por sua vitalidade cultural, a ponto de ser identificada pelos antigos moradores,

<sup>5</sup> CRAS- Centro de Referência de Assistência Social



como “*um bairro de tradição*”, Custodópolis, passou a conviver com o estigma de lugar perigoso, se aproximando de tantas outras periferias.

## **O BAIRRO: MAPEANDO MEMÓRIAS E SOCIABILIDADES**

Custodópolis fincou raízes sob territorialidade rural e neste “lugar” construiu modos de vida sob os quais, produziu valores e crenças que desenharam os traços originários de sua identidade. Para resgatar o “fio da meada” da identidade, a memória é fundamental, enquanto elemento constituinte do sentimento, individual ou coletivo, na medida em que a identidade se constrói em referência aos “outros”. Assim, a memória implica em experiências geográficas do espaço mais imediato, refiro-me ao lugar, que “carregado de significados, incorpora diferentes escalas espaciais e relações sociais: diz respeito à casa, à rua, ao bairro, à cidade, à família e às relações de amizade.” (DE PAULA; MARANDOLA JR, 2009, p.4)

Nesse sentido, o lugar como espaço da memória, não se restringe a um local. Seu significado é apreendido pelas experiências dos que o habitam, material e/ ou simbolicamente. Através dessas experiências são construídas as formas de sociabilidade, mediadas por conflitos de valores em disputa. É no terreno dessa discussão, que Michael Pollak afirma ser a identidade “referenciada a critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se produz por meio da negociação direta com outros”. (1992, p.5)

Nessa relação intersubjetiva, os indivíduos vão construindo sua familiaridade e seus estranhamentos com o lugar, criando ritmos próprios a partir de um dado território. No campo da geografia, o aporte fenomenológico, vem permitindo avanços no resgate da categoria “lugar”. Para além do território, tomando a própria origem etimológica da palavra – “do latim terra (terri) e pertencimento (torium)” (HOLZER, 1999), oferece subsídios para a compreensão da interseção entre indivíduo-território-lugar. Desse modo, ao reconstituir os fatos do passado, o que se pretende é “entender como as experiências espaciais se revelam a partir da memória, dos vestígios, em que palpita o mundo vivido”. (Ibidem, 2005, p. 25).

Portanto, a memória e historicidade são categorias chaves para identificar os itinerários de sociabilidade e apreender os padrões de comportamento dos sujeitos sociais, que se conhecem e mantém relações de troca. Tais relações não são necessariamente lineares, estabelecida entre “iguais” e compartilhadas sobre os mesmos códigos, como na memória dos antigos moradores, herdeiros das lembranças e/ou nostálgicos das vivências da Cidade de Palha e das Terras de Custódio.

Ao resgatarm a memória coletiva de Custodópolis através de suas narrativas, os mais velhos se deixam levar pelos percursos individuais, familiares e comunitários de um tempo que sentem saudades. Através de seus “mapas mentais afetivos” (ECKERT, 2002, p.8), destacam os circuitos de pertencimento e as mudanças na territorialidade do lugar.

Na fronteira entre passado e presente expressam a sensação de perda de “ideais sociais que se fragmentaram na poeira do tempo” (Ibidem, 2002, p.14), e também o conflito identitário que a própria experiência do envelhecimento proporciona. Absorvidos pelo sentimento de esvaziamento dos sentidos coletivos buscam um lugar ao qual pertencer e encontram dificuldades de orientarem-se no presente por estarem presos as ações e emoções enraizadas em experiências passadas.

Contam um tempo em que a vida era difícil, mas “era uma pobreza alegre”. Tal reminiscência remete a um conjunto de situações sócio-espaciais de convivência, onde foi possível experimentar sentimentos de segurança, confiança, gratidão, partilhar valores, entretenimentos e contentamentos. Um sentimento de ser cuidado, porque “*havia muitas pessoas boas que traziam alegria para o povo*”, numa referência ao espírito de liderança de antigos moradores que se preocupavam com o lugar. Aos poucos isso foi se perdendo, pois “*os troncos foram morrendo. Não tem ninguém para continuar*”.

Sob essa idealização da vida pública do passado, os moradores experimentam o enfraquecimento dos sentidos de socialização, tão comum nos dias atuais, sobretudo nas metrópoles. Na atualidade, o que se vivencia são os efeitos “da personalidade individualista que desintegra as relações, fragmenta os sentidos, impondo aos sujeitos uma ideologia da intimidade” (SENNET, 1988, p.22)

Na memória dos antigos moradores, Custodópolis, reflete a degradação de valores (ritualizados em códigos de condutas) e a decadência das experiências públicas. As mudanças desenhadas alteraram os espaços públicos e privados, estabelecendo fronteiras. De um lugar de “tradição”, representado por sua singularidade, tornou-se, com o movimento de acomodação da cidade, mais uma periferia e apesar da distinção com relação a outros lugares, incorpora as características definidoras da construção social desses espaços.

O fato, é que, como afirma Arendt (1987), o homem público, mesmo entrincheirado em seus lugares, “se dá a conhecer”. Em toda forma de convívio, há partilha e disputa, tal é à base da convivência social e das relações de poder, na medida em que [...] “o poder passa a existir entre os homens quando agem juntos, e desaparece no instante em que eles se dispersam.” (Ibidem, 1987, p.212)

Desse modo, a referida autora, aponta para o modo como é aflorada a condição humana da pluralidade, moldada sob a lógica do poder. Essa é a base de tensão que alimenta a vida e as relações comunitárias. Em Os estabelecidos e os Outsiders, Elias e Scotson (2000) mostram uma comunidade dividida. De um lado antigos moradores e do outro, os que chegaram depois, considerados estrangeiros e que não partilhavam os valores e os modos de vida vigentes. Segregados, os estrangeiros experimentaram uma rejeição que atravessou gerações, preservada e alimentada por “fococas”. Para os estabelecidos (que se julgavam responsáveis pela socialização das regras de normalidade), essa foi à estratégia adotada.

Apesar das diferenças com relação às formas de socialização em Custodópolis, esta elucidação aponta para o fato de que padrões de conduta são construções sociais, podendo produzir comportamentos normalizantes ou desviantes. Para Becker (2008) as práticas desviantes também têm suas próprias regras e seus conceitos de normalidade. O comportamento desviante faz parte de um sistema de relações e interações constitutivo da dinâmica social de determinado lugar.

Para os mais antigos, os ensaios da Escola de Samba União da Esperança, não é hoje, programa para “*família*”. Que tipo de família se refere? Quem frequenta a quadra hoje em dia? Para além das mudanças na dinâmica da constituição familiar, o que se coloca frente à diversidade dos modos de vida, é o processo de segregação e auto-segregação, motivado por valores distintos.

Simmel refere-se à sociação como sinônimo de “interesses e necessidades específicas que fazem com que os homens se unam em associações econômicas, em irmandade de sangue, em sociedades religiosas, em quadrilhas de bandidos (...). Desse modo, os “sociados” sentem que a formação de uma sociedade como tal é um valor, são impelidos para essa forma de existência (...). É através da forma que constituem uma unidade (Simmel, 1983, p.168/169).

Compartilhar ou disputar realidades é à base da convivência social, da pluralidade das relações, do desencadeamento das redes de reciprocidades. Disso deriva os modos de vida, que são “os veículos diretos das interações sociais” (JÚNIOR, 2005, p.33). Ao referir-se aos conteúdos das interações sociais, Simmel (1983) destaca o “desejo” como o impulso detonador dos propósitos que conduzem a “atos de sociação”. Tais atos implicam em práticas socialmente referenciadas ou rejeitadas. Tal é o caso de “pegas de moto” entre os jovens, que acontece no bairro. Num misto de entretenimento e perigo, trata-se de uma prática geradora do sentimento de insegurança, alimentado pela preocupação com a ordem e o medo. Tal prática dentre outras, marcadas por incivildades, desenham o lugar e é possível identificá-las no lixo nas ruas, nos carros nas calçadas...

A praça continua ser, um lugar de convívio. Porém não mais representado como lócus de fortalecimento das relações de vizinhança, como no passado - um lugar para “*tomar fresca e jogar conversa fora*”. Hoje, sobretudo à noite, é apontada como lugar de drogadição, intensificando estranhamentos e distanciamentos entre aqueles que não partilham deste modo de viver e conviver. Estas pessoas evitam circular no local em determinados horários, “ameaçadas” pelo medo e pelo perigo. No entanto, apesar das evidências materiais e simbólicas, o medo nem sempre se alimenta de fatos concretos. O sentimento do perigo constante, da violência praticada, do risco que podem ser vítimas, são fatos difíceis de serem mensurados. A construção social do medo e a “estética do medo” (ECKERT, 2002) tão bem representada com cercas de todas as

ordens, confirmam o sentimento de insegurança alargado pela sensação de aumento da violência, cujas estatísticas nem sempre são confirmadas. O fato, é que a fronteira entre a legalidade e ilegalidade existe, e está bem demarcada, e os moradores aprendem a lidar com ambos os lados. Para Telles e Hirata (2007,25), é uma questão de “sobreviver na adversidade, (...) saber transitar entre fronteiras diversas, se deter quando é preciso, avançar quando é possível, fazer o bom uso da palavra certa no momento certo, se calar quando é o caso”.

Presente na narrativa, o episódio da morte em frente à delegacia do bairro, demonstra a impotência dos policiais diante das ações de incivilidade, mas não só, também aponta para a falta de qualidade dos serviços prestados. O lugar onde se vive, facilita ou não o acesso a serviços como segurança, saúde, educação, entre outros, que se de baixa qualidade, produz uma dinâmica que condiciona situações de vulnerabilidade e segregação. Estas situações permitem analisar o efeito do lugar sobre o comportamento das pessoas ou vice-versa.

O estudo de Galster e Killen (1995) contribui nesse sentido, ao apontar para a existência da “geografia de oportunidades”, cujo enfoque é a distribuição dos serviços num dado espaço e a qualidade dos mesmos, o que acaba por incidir em comportamentos variados que ampliam ou reduzem as condições vulneráveis das pessoas e do lugar.

Sob essa perspectiva, Custodópolis apresenta visíveis conseqüências de um lugar periférico que como tantos outros, limitam seus moradores ao acesso de oportunidades de infraestrutura, trabalho e políticas públicas. Convive com a memória de um “bairro de tradição” do ponto de vista cultural e a representação hoje estigmatizada, pela convivência de sub-culturas conhecidas e reconhecidas, como marginais.

Todo lugar tem sua memória e regatá-la é fundamental para compreender como foi armazenada e socializada sob a forma de saberes singulares. As experiências subjetivo-geográficas desenham territorialidades de indivíduos, famílias, grupos e do bairro. Na reconstrução do passado, os antigos moradores de Custodópolis, falam de “uma ordem perdida, de uma normatividade desfeita, de uma sociedade que lhes parece cada vez mais estranha e incivilizada” (BECKER, 2000, p.29).

Sob uma diversidade de experiências e comportamentos, indivíduos vivem em busca de pertencimentos coletivos. Através da memória, os velhos habitantes traçam o trajeto do bairro, configurando-o em seu percurso identitário, no qual os mais novos se incumbem de reinventar.

A proposta deste ensaio foi valorizar a memória e origem do bairro, dando voz ao sujeito que experimentou e contou essa história coletiva, como também, olhar para o tempo presente, como socializado por outras razões e emoções. Compreender que a mediação entre esses tempos e lugares é o que produz a identidade de Custodópolis. Sem resgate da memória, os fluxos da vida do lugar se perdem, ao mesmo tempo, que cristalizá-la é negar as formas reconfiguradas de socialização.

Portanto, não se trata de “rejuvenescer o lugar (o país, a cidade, sua família) a partir da cultivação da memória do social, que reduziria a qualidade narrativa a partir do velho habitante, ao santuário da preservação e conservação de referências identitárias emblemáticas”. (Ibidem, 2000, p.26), mas destacar a experiência espacial como principal mediadora da relação entre as pessoas e o ambiente, em qualquer tempo e lugar. Assim como os lugares mudam as pessoas, as pessoas mudam os lugares. E foi assim, no entorno da Cidade de Palha, que as Terras de Custódio tornaram-se cenário de relações históricas estabelecidas pela comunidade, culminando na demarcação do espaço, hoje conhecido, como Custodópolis.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do pressuposto de que “todo lugar tem sua historicidade, seu significado e sua memória” (DE PAULA; MARANDOLA JR, 2009, p.5), este ensaio iniciou-se com o objetivo de ao resgatar os fatos do passado do bairro, identificar como esse determinado lugar foi sendo constituído geográfica e socialmente e revelar alguns deslocamentos que desenhou o percurso do lugar: da Cidade de Palha, as Terras de Custódio, assume hoje, a identidade de Custodópolis.



Identidade tecida pelas experiências, materializada em atos que expressam modos de vida compartilhados ou em disputa. A forma como o lugar foi apropriado, demarcou territorialidades diversas, regidas por um conjunto de valores e normas, que foram seguidas ou transgredidas.

Na memória dos antigos moradores, a saudade dos velhos usos, dos saberes construídos, das trocas vivenciadas, das antigas formas de sociabilidades... Contudo, constata-se que as territorialidades instituídas por determinados códigos, podem ser substituídas por outras, ou impelidas a uma convivência quase sempre conflituosa. Para os apegados a memória e as tradições, o lugar tornou-se inseguro, ao passo que para os que são adaptados aos sentidos pejorativos da periferia (carências diversas), “conviver com o risco é normal” (MARANDOLA JR., 2008, p.57). Na visão do referido autor, não há vida sem ameaça, embora estas nem sempre estejam marcadas na paisagem do lugar.

Teoricamente, o tempo de residência indicaria um maior envolvimento espacial das pessoas. No entanto, a construção dos vínculos e o sentimento de pertencimento dependem das redes de sociabilidades tecidas e das formas de proteção delas derivadas.

Nesse sentido, o contato com Custodópolis permitiu a compreensão de que a idéia de lugar está intimamente ligada a de memória e que sua produção não é apenas locacional, mas também social. Além de uma geografia específica, são os modos de vida que desenham os lugares. Portanto, buscar as pessoas e suas experiências é fundamental para compreender suas territorialidades, o que para Raffestin é o que “reflete a multidimensionalidade do vivido territorial pelos membros de uma coletividade” (1993, p.158). No estudo realizado, tal categoria se justifica por possibilitar a análise sobre o senso de identidade do lugar.

Que tenha sido cumprido o propósito deste ensaio. Trata-se do desejo de contribuir, através de análises subsidiadas pela Geografia Cultural, para a leitura sobre o lugar, de modo a possibilitar a interpretação e o conhecimento sobre o espaço social dos homens.

## REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1987.
- BECKER, Howard S. *Outsiders*. Estudos da sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- CLAVAL, Paul. *A Geografia cultural*, Florianópolis, Editora da UFRC, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Terra dos Homens: a geografia*. Tradução Domitília Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.
- DE PAULA, Tiago; MARANDOLA JR, Eduardo. Memória e Experiência no Estudo da Vulnerabilidade Do Lugar. Disponível em: < [http:// WWW.egal2009.easyplanners.info](http://WWW.egal2009.easyplanners.info). Acesso em 26 maio 2010.
- CARVALHO, Waldir P. *Campos depois do centenário*. Campos: Damadá Artes Gráficas e Editora, 1991. 406p.
- ECKERT, Cornelia. A Cultura do Medo e as Tensões do Viver a Cidade: Narrativa e Trajetória de Velhos Moradores de Porto Alegre. Revista ILUMINURIAS. v.3 ,n.6, Rio Grande do Sul, 2002. Disponível em: <[http:// WWW.seer.ufrgs.br](http://WWW.seer.ufrgs.br). Acesso em 26 maio 2010.
- ELIAS, Nobert; SCOTSON, John L. *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- GALSTER, G., KILEN, S., The geographf of metropolitan opportunity: a reconnaissance and conceptual framework. *Housing Policy Debate* 6 (1), p.7-43.
- GRIPES. *CIDADE DE PALHA: Diagnóstico Preliminar*. Campos dos Goytacazes, julho de 2008, mimeo, 68 págs.

HOLZER, Werther. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. *Território*, Rio de Janeiro, ano 11, n.3, p.77-85, jul./dez.1997.

\_\_\_\_\_. A Geografia Cultural e a História: uma leitura a partir da obra de David Lowenthal. *Espaço e Cultura*. Rio de Janeiro: UERJ, n.19-20, p.23-32, jan/dez.2005.

JÚNIOR, José Alcântara. O Conceito de Sociabilidade em Georg Simmel. *Ciências Humanas em Revista*. São Luis, v.3, n.2, dezembro 2005.

MAUSS, Marcel. "Ensaio sobre a dádiva".In: *Sociologia e Antropologia*. Volume II. São Paulo, EPU/EDUSP, 1974.

MARANDOLA JR. Eduardo. *Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana*. 2008. 278p. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992, p.200-212.

RAFFESTIN, C. *Por uma Geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.

SIMMEL, Georg. *Sociologia*. Organizador [a coletânea] Evaristo de Moraes Filho; São Paulo: Ática, 1993.

SENNET, R. *O declínio do homem público*. São Paulo: CIA. das Letras, 1988.

TELLES, Vera da Silva; HIRATA, Daniel. Cidade e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito. *31 Encontro Anual da ANPOCS*, Caxambu-MG, out 2007, p.1- 27.